

naturelle”, junta seis “dossiers”. Trata-se de riscos geodinâmicos em geral (Gérard Mottet), de risco vulcânico na Martinica (Frédéric Leone e Thierry Lesales), de florestas, incêndios e tempestades (Jean-Paul Amat, Paul Arnould e Micheline Hotyat), de riscos em montanha (Henri Rougier), de como travar a erosão na montanha (Jean-Pierre Husson) e de riscos em baixos planaltos e bacias em domínios temperados (Gérard Hugonie).

Cinco “dossiers” compõem a terceira parte – “Risques zonaux ou régionaux à dominante naturelle” – desertificação em meios secos (Monique Mainguet), riscos e catástrofes no espaço caribenho (Éric Lambourdière), riscos em países mediterrâneos (Gérard Hugonie), riscos em sistemas de grandes agriculturas (Jean-Pierre Husson e Marc Benoît) e riscos em Île-de-France (Alexandre Wolff).

A quarta parte – “Risques démographiques” – oferece apenas dois “dossiers”, um sobre riscos sanitários (Jeanne-Marie Amat-Roze) e outro sobre a hipótese de existir um risco de sobrepopulação (Gérard-François Dumont).

Finalmente, a quinta parte – “Risques proprement anthropiques” – apresenta cinco “dossiers”, um sobre riscos ligados à sociedade urbanizada (assinado também por Gabriel Wackermann), outro sobre a vulnerabilidade das grandes cidades (Jacques Bonnet), outro sobre riscos tecnológicos (Jacques Donze), outro sobre o risco social urbano (Franck Riboulon) e o último sobre os “altos riscos” que giram em torno dos monumentos e das paisagens considerados património mundial da humanidade.

3. Não se afigura legítima a comparação entre estes dois livros chamados “dossiers”. O primeiro, como tal assumido na capa (“Dossier réalisé par Jocelyne Dubois-Maury”), aparece-nos como um conjunto devidamente ordenado de textos já publicados. O segundo, assumido quando considera “dossiers” aquilo a que chamaríamos, normalmente, “capítulos”, é muito mais do que um “dossier” ou conjunto de “dossiers”. Cada “dossier” é um ensaio original, quase sempre com muita informação e reflexão. Corresponde a textos em que a Geografia está presente no modo como se apresentam os processos potencialmente perigosos, os “aléas”, e no modo como se trata de vulnerabilidades. Alguns dos “dossiers” são ilustrados com cartografia – os textos em que se referem os sismos no Japão e o sismo de Dezembro de 2004 em Sumatra, que esteve na origem do “tsunami” do Índico, são apoiados por cartogramas explicando os respectivos enquadramentos estruturais. Cartogramas e desenhos esquemáticos aparecem em vários dos trabalhos, seja a propósito de casos concretos de manifestações vulcânicas, seja a propósito de avalanches ou de movimentos de vertente.

Les risques naturels et technologiques e *La géographie des risques dans le monde* são dois livros importantes para acompanhar quem queira estudar riscos, que mostram bem quanto se avançou em França na reflexão sobre riscos desde fins dos anos 1980, início dos anos 1990 (cfr. F. REBELO, 2005³).

Dois livros sobre riscos naturais assinados por Jorge Olcina Cantos⁴

Fernando Rebelo

Riesgos Naturales? É o título-pergunta de dois livros publicados em 2006 pela Editorial Da Vinci, de Mataró, assinados por Jorge Olcina Cantos, Catedrático de Geografia Regional da Universidade de Alicante. O primeiro trata de secas e inundações, ocupando 220 páginas; o segundo trata de furacões, sismicidade e temporais, estendendo-se por 205 páginas.

A pergunta é cada vez mais pertinente. Será que quando falamos daqueles fenómenos naturais estamos à partida a falar de riscos? Será que não os estudamos no âmbito da Geografia Física como fenómenos, independentemente da presença ou da ausência do

homem? Sim e não. Sim, quando os estudamos na maioria dos livros da especialidade. No entanto, Alfredo Fernandes Martins (1916-1982), geógrafo e professor da Universidade de Coimbra, ao leccionar Geografia Física, começando pela Climatologia, costumava dizer que não. Dizia, então, nas suas aulas, que só a presença do homem justifica que se estude Climatologia no quadro da Geografia. Porque a Geografia é um todo. Porque a separação entre Física e Humana só se deve aceitar por uma questão de siste-

³ REBELO, Fernando (2005) – *Uma experiência europeia em riscos naturais*. Coimbra, MinervaCoimbra, 123 p. + 23 fotografia.

⁴ OLCINA CANTOS, Jorge (2006) – *Riesgos Naturales? I – Sequias e Inundaciones*. Mataró, Editorial Da Vinci, Colección GEOAMBIENTE XXI, 220 p.

OLCINA CANTOS, Jorge (2006) – *Riesgos Naturales? II – Huracanes, Sismicidad y Temporales*. Mataró, Editorial Da Vinci, Colección GEOAMBIENTE XXI, 205 p

matização. Afastamos uma da outra para compreender os factos e os fenómenos, mas devemos entrecruzá-las para compreender o essencial. E o essencial é a distribuição do Homem à face da Terra.

Uma seca só constitui risco se o Homem está presente. E será um risco muito elevado quando há muitas pessoas, consumindo muita água, numa área em que a seca pode acontecer com facilidade.

Quase o mesmo se dirá para as inundações. Numa planície aluvial, as cheias podem acarretar inundações. Os geógrafos falam de leito ordinário e de leito de inundações. Que risco haverá se o Homem não ocupar esses espaços que pertencem ao rio? Mas o risco será tanto maior, quanto mais ocupados estiverem por uma população desprotegida. E isto é válido para as planícies fluviais, como para as planícies litorais ou para as áreas sísmicas. Antigamente, por exemplo, só se sabia da existência de um furacão ou de um terramoto quando a população era atingida. E às vezes só se sabia muito tempo depois. Nem sempre existiram satélites ou, mesmo, radares para detectar e acompanhar furacões desde o seu início... Nem sempre existiu uma rede de sismógrafos capaz de localizar epicentros de terremotos em poucos minutos...

Em todos estes casos, a noção de vulnerabilidade aparece com maior importância do que a de ordem de grandeza do fenómeno. Muitas pessoas, indefesas ou mal defendidas, poderão ser vítimas da ocorrência de fenómenos naturais que, mesmo ao lado, a outras pessoas, bem protegidas, nem sequer criem problemas. Será então razoável perguntar se estamos perante riscos realmente naturais.

Jorge Olcina mostra-se, logo no primeiro livro, um geógrafo de largos conhecimentos sobre tudo o que respeita a secas e inundações, em Espanha e no Mundo. E divide aquele que chama Tomo I em três capítulos - (1) "Una sociedad arriesgada en un mundo de peligros", (2) "Un riesgo silencioso pero constante" e (3) "El agua, fuerza impetuosa". Acrescenta três anexos, dois deles com números de vítimas de catástrofes (ditas) naturais. O terceiro corresponde à "Directiva del Parlamento Europeo y del Consejo relativa a la evaluación y gestión de las inundaciones".

No Tomo II, Jorge Olcina volta a demonstrar profundos conhecimentos sobre a matéria a que se dedica, dividindo-o em quatro capítulos - (1) "Ciclones tropicales: depresiones mortíferas", (2) "La tierra se mueve... y tiembla. Terremotos, volcanes y maremotos", (3) "Y hay más riesgos naturales" e (4) "A modo de conclusión: el estudio de los riesgos naturales, un compromiso ético". Com um título assim, este último capítulo traz, forçosamente, muita matéria para reflexão. Fiquemo-nos, apenas, por estas afirmações: "El respecto a la vida es lo más importante de la existencia del ser humano sobre la Tierra. La Naturaleza ofrece bondades y dificultades y está ahí para ser respectada. El riesgo es un aspecto condigno a la vida..." (p. 200). Seguem-se outras palavras que são a consequência destas.

Livros de texto para estudo de alguns dos riscos maiores que se colocam em muitos pontos do globo, os dois livros de Jorge Olcina lêem-se com facilidade e proveito.